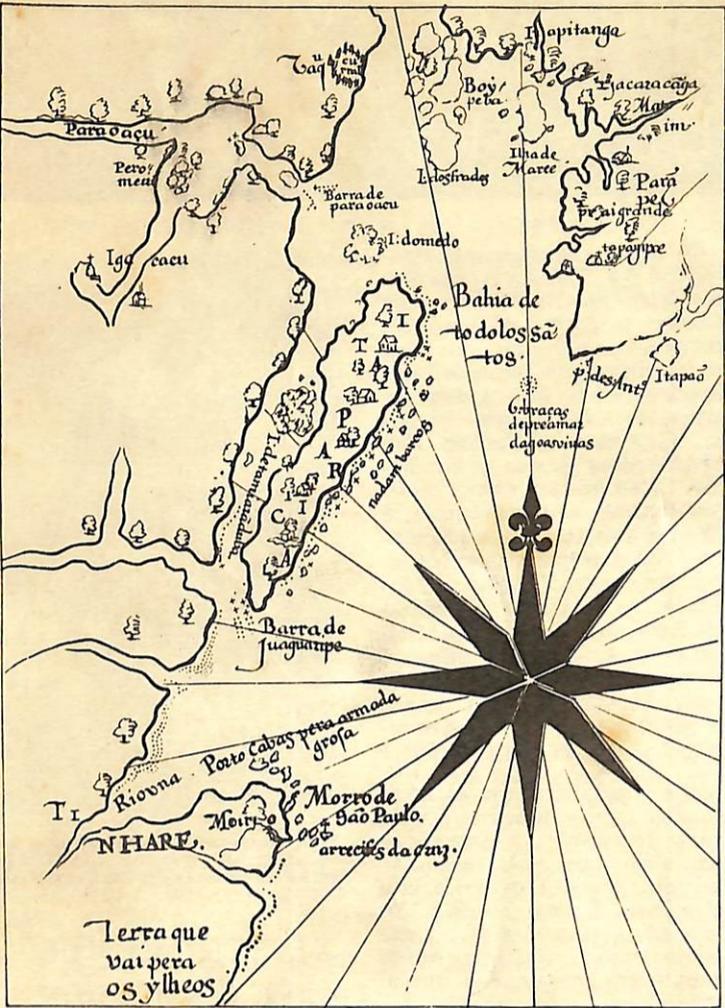


FIM DAS CAPITANIAS

4.91

12.2627

CENTRALIZADO O PODER NO BRASIL



Este é o trecho escolhido pelo rei D. João III para a futura sede do governo-geral no Brasil — a baía de Todos os Santos, na capitania da Bahia, doada ao malfadado Francisco Pereira Coutinho

Com a assinatura, hoje, de três importantes documentos, o rei de Portugal, D. João III, pôs fim a um regime político que fracassou com relação ao Brasil — o das capitânias.

dor-mor e dos provedores da fazenda real no Brasil.

Doravante, embora as capitânias gozem de relativa autonomia, o país estará su-

bordinado a um poder central. O ato de D. João III foi recebido, na côrte, com imenso entusiasmo.

(Detalhes na página 2).

Os documentos assinados pelo rei são regimentos, respectivamente, do governador-geral, do prove-

o Brasil em Jornal

1548
N.º 12

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Comum: Cr\$ 10,00
Aéreo: Cr\$ 12,00
Atrasado: Cr\$ 15,00

Diretor:
AMARAL NETTO

Assessôres:
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO

Redator-chefe:
CLAUDIO SOARES

TOMÉ DE SOUSA escolhido Governador

Batalha com brasileiros nas terras de Igarauçu

Almeirim, 17, dezembro, 1548 (Do correspondente)

O Brasil já tem governador designado pelo rei D. João III. É ele o fidalgo Tomé de Sousa. A escolha do rei foi revelada no documento hoje assinado e que fixa os deveres do futuro governante. O ato da posse de Sousa deverá ocorrer na próxima semana. Seu embarque para o Brasil é esperado também para muito pouco tempo.

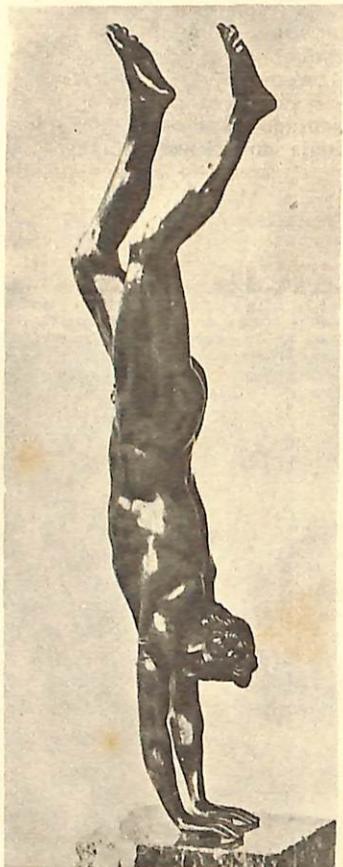
Sobre Tomé de Sousa, agora designado para missão tão importante, sabemos: é um dos 8 filhos de João de Sousa, prior de Rates, com d. Mécia Rolz de Faria. É neto do fidalgo minhoto Pedro de Sousa de Seabra e primo de Martim Afonso de Sousa e do conde de Castanheira.

Casou-se, em 1538, com d. Maria da Costa e tem uma filha, Helena. Segundo consta, Sousa tem profunda aversão pelos judeus, mas há quem garanta que a avó do novo homem de governo era judia.

Tomé de Sousa tem 45 anos de idade. Desde os 16 prestou serviços na côrte ao lado do príncipe D. João III. Apoucado de recursos, quase nenhum destaque teve então. Serviu em Marrocos e em 1527 foi citado por ato de bravura pessoal, numa sortida contra os mouros. Em 1532, ainda em África, foi desafiado para um duelo singular por Martim Vaz e não o aceitou por considerar injustificáveis os motivos do desafiante.

Em 1534, partiu para Safim em companhia de seu primo Pero Lopes de Sousa. Serviu em Cochim e começou a destacar-se. Seu primo, o conde de Castanheira, fez dele ótimo juiz. Casou-se ao voltar para Portugal. Adquiriu, então, a comenda de Rates. Em 1542, foi feito fidalgo da côrte.

Tomé de Sousa, ao que estamos informados, pretende seguir para o Brasil sem sua mulher e filha. Uma fonte nos assegurou que Sousa tem dois filhos naturais



BRONZE E ACROBACIA — De «ateliers» de toda a Europa começam a surgir pequenos bronzes em busca de originalidade.

Da Itália, vem-nos interessante trabalho de um jovem artista de 28 anos, Domenico Poggini. Não é novidade propriamente, mas a renovação, como só a arte pode fazer, de um velho tema: o do «Acrobata». No flagrante acima, Poggini imobilizou no bronze os movimentos de um saltimbanco.

Igarauçu, 1º, março, 1548 (Do enviado especial, Hans Staden)

Um levante de índios de Pernambuco pôs em pânico, mais uma vez, os moradores desta cidade. O navio em que chegamos aqui, há pouco mais de um mês, trazia prisioneiros para Olinda e alguma carga vinda da Europa a pedido do governador de Pernambuco, Duarte Coelho.

Ao desembarcarmos, fomos avisados de que os selvagens, revoltados contra as tentativas de escravização, cercavam esta cidade. O povo pediu-nos auxílio. Partimos de Olinda, onde ancoráramos, para cá.

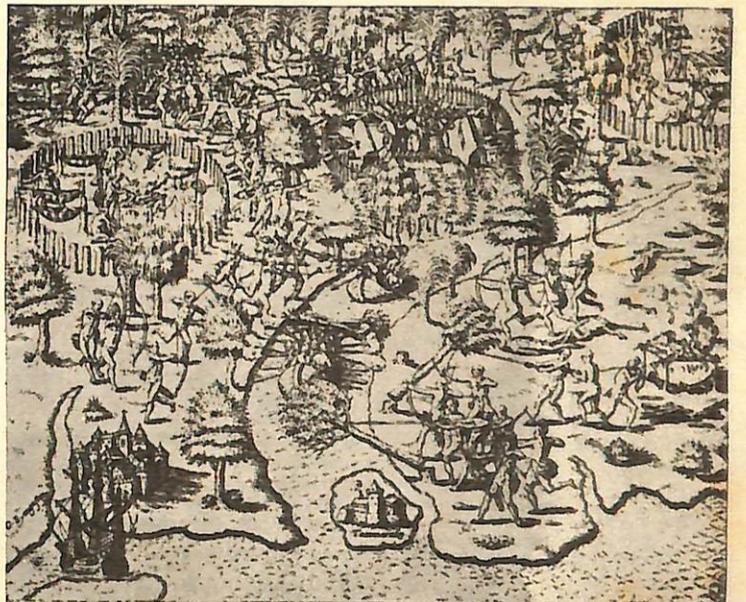
Quarenta soldados dos nossos, entre os quais este correspondente, foram destacados para romper o cerco.

Igarauçu está situada num braço de mar e contava apenas com 90 cristãos para sua defesa, além de alguns escravos negros e índios domesticados. Os sitiados eram aproximadamente 8 mil.

Os índios puseram-nos também em apertado cerco e atiravam-nos flechas incendiadas. Depois de vários dias de luta, nosso mantimento esgotou-se e nós tivemos de ir buscá-lo em Itamaracá, subindo um rio.

Os selvagens tinham praticamente bloqueado o rio com árvores e a passagem teve de ser forçada. Regressamos tranquilamente a Igarauçu com alimentos e munição, o que desa-

lentou os sitiados, que resolveram retirar-se. Da parte dos defensores, não houve baixas. Dezenas de cadáveres de índios foram, todavia, contados em volta da cidade.



O reforço de dois navios portugueses e, mesmo, o cansaço, levaram os índios de Igarauçu a levantarem o cerco que mantinham contra os brancos. Na gravura um aspecto da luta que durou muitos dias.

Centralizado o poder no Brasil

(Conclusão da 1ª página)

INSTRUÇÕES PARA O GOVERNADOR

Dentre as inúmeras instruções baixadas (41 artigos) pelo soberano ao governador Tomé de Sousa figuram as seguintes:

- dirigir-se diretamente à Bahia e fortificar a cidade;
- escolher outro local para a capital do país;
- guerrear os índios que se sublevaram, castigando-os com rigor, logo que a cidade estiver fortificada;
- poder armar cavaleiros aos que prestarem bons serviços;
- atender aos pedidos de paz feitos pelos índios;
- proibir o uso de brocados e sedas;
- procurar aliança com os tupiniquins;
- erigir na Bahia uma cidade fortificada com 6 léguas de lado;
- dar sesmarias a quem as pedir, com a obrigação de só pagar dízimos à Ordem de Cristo;
- tirar as terras de quem não as aproveitou;
- conceder licenças para exploração de engenhos só a quem estiver em condições de fazê-lo, e obrigando os concessionários a moer a cana dos colonos;
- explorar a costa desde a Bahia até Pernambuco;
- fazer navios;
- combater e expulsar os tupinambás de Ilhéus;
- visitar e pôr em ordem as várias capitanias;
- não permitir que se saia de uma capitania para outra, salvo com licença;
- providenciar para que tôdas as sedes de capitanias sejam defendidas por cercas;
- providenciar para que pelo menos em um dia por semana haja feira nas capitanias;
- não permitir que se penetre no interior sem licença;
- converter os índios;
- fixar o preço das mercadorias;
- examinar as rendas da coroa;
- evitar as guerras com intuitos escravagistas: guerra, só mediante licença;
- não permitir que se dêem armas aos índios;
- obrigar a que cada colono tenha suas armas de guerra;
- combater a especulação do pau-brasil;
- combater os piratas e explorar o rio São Francisco.

INSTRUÇÕES PARA PROVIDOR-MOR

Além das minuciosas instruções ao governador, D. João III baixou as seguintes, para uso do provedor-mor:

- ver quantos oficiais da fazenda real há no Brasil;
- examinar as rendas de cada capitania;
- providenciar uma casa para a Alfândega na Bahia;
- providenciar casa para negócios da fazenda real;
- conhecer de tôdas as causas que ultrapassem a cifra de 10 mil reais;
- resolver dos feitos sobre sesmarias;
- providenciar oficiais da fazenda onde não houver;
- fazer balanço anual das rendas da coroa;
- informar-se das munições existentes em Pernambuco;
- fornecer, quando necessário, munição aos colonos ao preço de custo;
- estabelecer despachante para a produção de açúcar, com atribuição de só liberá-lo quando de primeira qualidade;
- conceder tôdas as facilidades alfandegárias para o fabrico de naus com mais de 130 tonéis.

PARA PROVIDORES

As principais instruções para os provedores são:

- ordenar as rendas reais separadamente;
- providenciar nas capitanias casas para a Alfândega;
- ter em boa guarda os livros de escrituração;
- fiscalizar a carga e descarga dos navios;
- fazer inventário das pessoas falecidas;
- registrar tôdas as sesmarias;
- não permitir que os colonos se internem no país; e
- conferir as obrigações sobre armas.

BRASIL CORRE PERIGO

Santos, 12, maio, 1548 — (Do correspondente)

Novo e dramático apêlo foi dirigido, desta cidade, ao rei D. João III. Luís de Góis, aqui residente, em carta ao rei de Portugal, explica a terrível situação por que passam os residentes no Brasil, face ao isolamento com a metrópole.

Confirmando furo de O BRASIL EM JORNAL, Góis enumera em sua carta as façanhas cada vez mais atrevidas dos franceses no litoral sul do Brasil. A certa altura diz êle que o soberano deve ter piedade dos cristãos ali isolados. Todo o trabalho português no Brasil, segundo Góis, corre o risco de perder-se, se não forem tomadas prontas providências.

Góis chama a atenção do rei para um perigo que julga dos

mais sérios: a ocupação, por piratas, da ilha de Santa Helena. — Se isto acontecer, diz êle, não só o Brasil mas todo o império poderá perder-se.

PERNAMBUCO VAI BEM

Ollnda, 22, março, 1548 (Do correspondente)

Para o governador de Pernambuco, Duarte Coelho, a situação política em seu domínio caminha razoavelmente: O cerco de Igarauçu, segundo o governador, não chega a constituir assunto que possa preocupar o rei D. João III.

Duarte, escrevendo hoje ao soberano, limita-se a dois assuntos: empenha-se em obter as boas-graças do rei para a causa de um seu servidor, Vasco Fernandes, e reforça a necessidade de o monarca dar maior atenção às coisas de sua capitania.

Para o primeiro, o governador pede mesmo a ajuda de D. João III, Duarte deu a Vasco um lote de terra e agora solicita que o rei permita a seu servidor mandar para Portugal pau-brasil a fim de conseguir recursos para indenizar-se de despesas feitas a favor do rei.

O governador conclui pedindo que o monarca não o leve a mal por lhe escrever amiúde, dando-lhe conta do que acontece em Pernambuco.

MARINHEIROS AJUDAM DUARTE COELHO

Ollnda, 28, janeiro, 1548 (Do correspondente)

Dois navios portugueses incumbidos de combater piratas argelinos e franceses que atacam as embarcações lusas ao norte das ilhas de Cabo Verde e noroeste da Madeira acabam de chegar aqui.

O capitão Penteado, que os comanda, declarou ter arribado à costa do Brasil para aguada e refrêco. Após conferência com Duarte Coelho, ficou resolvido que desembarcasse um grupo de 40 homens para ajudar o governador na luta contra os índios revoltados de Igarauçu. Um dos arcabuzeiros que desembarcaram, Hans Staden, afirmou-nos que, logo que pudesse, voltaria ao Brasil.

QUER RENDAS DA IGREJA

Pernambuco, 10, maio, 1548 (Do correspondente)

Afonso Gonçalves, habitante desta capitania, escreveu, hoje, ao rei D. João III curiosa carta. Gonçalves pede nada mais nada menos que os dízimos de uma igreja que êle construiu a seis léguas de Ollnda.

Enaltecendo o trabalho que realizou, diz êle que na dita igreja há um padre que é obrigado a dizer a missa e a confessar tôda a população. Concluindo, explica Gonçalves que a paróquia tem necessidade de mais um padre.

REI ESCRIVE A CARAMURU

Lisboa, 19, novembro, 1548 (Do correspondente)

Um importante documento hoje dado a conhecer foi o prenúncio de importante transformação política no Brasil. Por êle se fica sabendo que o rei D. João III decidiu entregar o govêrno central daquele país a Tomé de Sousa. Trata-se de uma carta para Caramuru (Diogo Alvares) que tantos serviços tem prestado a Portugal.

Ê esse o intelto teor da missiva:

«Diogo Alvares. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu ora mando Tomé de Sousa, fidalgo de minha casa essa Bahia de Todos os Santos, por capitão governador dela e do mais que ao meu serviço cumprir; e mando que na dita Bahia faça uma povoação e assento grande e outras coisas do meu serviço: e porque sou informado, pela muita prática e experiência que tendes dessas terras e da gente e costumes delas, o sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando que tanto o dito Tomé de Sousa lá chegar, vos vades para êle, e o ajudels no que lhe deveis cumprir e vos êle encarregar; porque fareis nisso muito serviço. E porque o cumprimento e tempo de sua chegada ache abastada de mantimentos a terra, para provimento da gente que com êle vai, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure se haverem, e os vá buscar pelos portos desta capitania de Jorge de Figueiredo, sendo necessário vosso companhia e ajuda, encomendo-vos que o ajudels, no que virdes que cumpre, como crelo que fareis.»

DOIS LIVROS: DUAS REVOLUÇÕES

Os livros recentemente aparecidos na Europa («Revolutionibus», de Copérnico, e «De humani corporis», de Vesálio), anunciados por nós em primeira mão, têm causado verdadeira revolução em dois setores do pensamento humano. Copérnico e Vesálio têm adeptos, mas os que os combatem fazem-no por vários motivos. Aqui, são médicos que vêem superada sua pseudociência. Ali, astrônomos que se levantam contra mudanças radicais. As correntes que se digladiam no campo da Medicina e da Astronomia agitam a Europa. A ciência lucra com isso. Mas, com quem estará a razão? Com os anti-Copérnico? Com os anti-Vesálio?



Músculos que Vesálio revelou ao mundo... Os homens de ciência estão brigando por causa deles.

Sobre o primeiro, um estúdio dos astros disse-nos: «Em parte tem razão. A Terra gira em torno do Sol, mas não acredito que o faça em órbita circular». É uma teoria. Por isto nós a respeitamos. O que combatemos, esteja a razão com quem estiver, é a intolerância.

XERIFE VENCE SEM DAR TIRO

Fêz, Marrocos, 1º, fevereiro, 1548 (Do correspondente)

Reina grande tensão nesta cidade. Os homens do Xerife, novo poder árabe no Norte da África, ameaçam Fêz, reino também árabe, mas acusado de pactuar com os católicos com prejuízo para a causa muçulmana.

Reforços e mais reforços chegam a cada instante para o Xerife e a situação do reino de Fêz é considerada precária.

VENCEDOR O XERIFE

Fêz, Marrocos, abril, 1548 (Do correspondente)

Sem o disparo de um tiro sequer, o Xerife consolidou todo seu poder nesta região. O rei de Fêz não lhe deu o esperado combate, o quê foi considerado um ato de fraqueza.

Observadores portugueses nesta cidade são de opinião que o próximo ataque do Xerife ocorrerá nas praças de Arzila e Tânger. Apesar de Fêz manter-se independente, todo o povo se bandeia, às escâncaras, para o lado do Xerife.

A ocupação desta cidade é questão de tempo. Os muçulmanos daqui cantam alegremente diante das muralhas seus hinos de guerra religiosa. Nas ruas de Fêz, a frase mais repetida é: «Guerra aos cristãos».

Afinal, quem roda? Terra ou Sol? Livro de Copérnico acha que é tolice a segunda hipótese. Mas já apareceu quem nos dissesse que Copérnico só tem razão pela metade. Na gravura os dois sistemas: Ptolomeu e Copérnico.

ARTIGOS PARA PACIFICAR DESAGRADARAM A TODOS

Augsburgo, 15, maio, 1548

O Império de Carlos V tem, hoje, uma constituição. Regras de conduta religiosa foram publicadas para que terminem de uma vez as dissensões que solapavam a Alemanha.

A origem do ato se deve à suspensão do Concílio de Trento, com sua transferência para Bolonha. O imperador encomendou, então, a três teólogos, entre êles Agrícola, que formulassem um sistema provisório de conduta para sanar as diferenças.

A nova constituição, que recebeu o nome de «Interim», em virtude de pretender vigorar apenas enquanto não venham as soluções definitivas do concílio da Igreja, consta de 26 artigos. Por ela, fica abolido o celibato eclesiástico, são permitidas duas espécies de comunhão, mantêm-se os sete sacramentos, o culto aos santos e a jurisdição episcopal.

Embora a intenção do imperador fôsse pacificar, estamos certos de que seu objetivo dificilmente será alcançado. As concessões feitas a ambas as facções não satisfizeram nem a gregos nem a troianos. Católicos e protestantes estão descontentes.

CABEÇA DE VACA ENCARCERADO

Espanha, janeiro, 1548

«Até tentativa de envenenamento sofri nessa interminável série de processos e prisões de que tenho sido vítima desde que me embarcaram em Assunção, prêsso e carregado de acusações em 1545».

Com estas palavras Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, um dos grandes pioneiros da descoberta e colonização da América, começou sua entrevista, concedida ao repórter de O BRASIL EM JORNAL, no próprio cárcere em que se encontra.

Cabeça de Vaca já se fez notar pela sua incrível coragem e audácia nas diversas expedições em que tomou parte, a começar pela de Pânfilo de Narvaez (1537), em que, juntamente com outros três sobreviventes, conseguiu, numa inacreditável façanha, atravessar a América do Norte a pé, do Atlântico ao Pacífico. Mais tarde, voltou o inquieto capitão a tentar novas descobertas, desta feita (1540) como governador do Prata, quando atingiu Assunção, em 1542.

O BRASIL EM JORNAL vem acompanhando todos os passos do aventureiro espanhol, cuja vida agitada culminou com sua prisão, após nova incursão para o norte e noroeste da capital da região do Prata, Assunção. É sobre essa última viagem que nos falou:

— Eram transcorridos apenas seis meses de minha chegada a Assunção, em setembro de 1542, portanto, quando novamente parti, em busca do que na América costumam chamar a Cidade de Ouro de Manoa. Saímos com dez barcos a vela, quatrocentos espanhóis e considerável força auxiliar indígena, subindo o rio Paraguai. Estávamos no verão e sofremos as dificuldades de uma seca longa e dos transportes com repetidas baldeações, além de léguas e léguas de pântanos.

«Foi minha experiência com os índios que me valeu para mantê-los à distância necessária para nossa garantia. Em um mês conseguimos atingir Candelária, cidade onde morrera meu antecessor no governo do Prata, Juan de Ayolas. Nada conseguimos com os índios e tivemos que partir sem nenhum auxílio.

Mordidos pelos mosquitos durante o dia e com nosso sangue sugado pelos morcegos à noite, continuamos a viagem, sob o olhar preguiçoso dos jacarés e, algumas vezes, ouvindo o rugido dos jaguares. Após atingirmos as cabeceiras do Cuiabá, fundamos, num lago, uma base permanente, que denominamos Los Reyes. Trabalhemos boas relações de amizade com os índios de uma grande aldeia próxima. Tive que adverti-los severamente pela prática que tinham de adorar o diabo. Mandei que obedecessem aos frades».

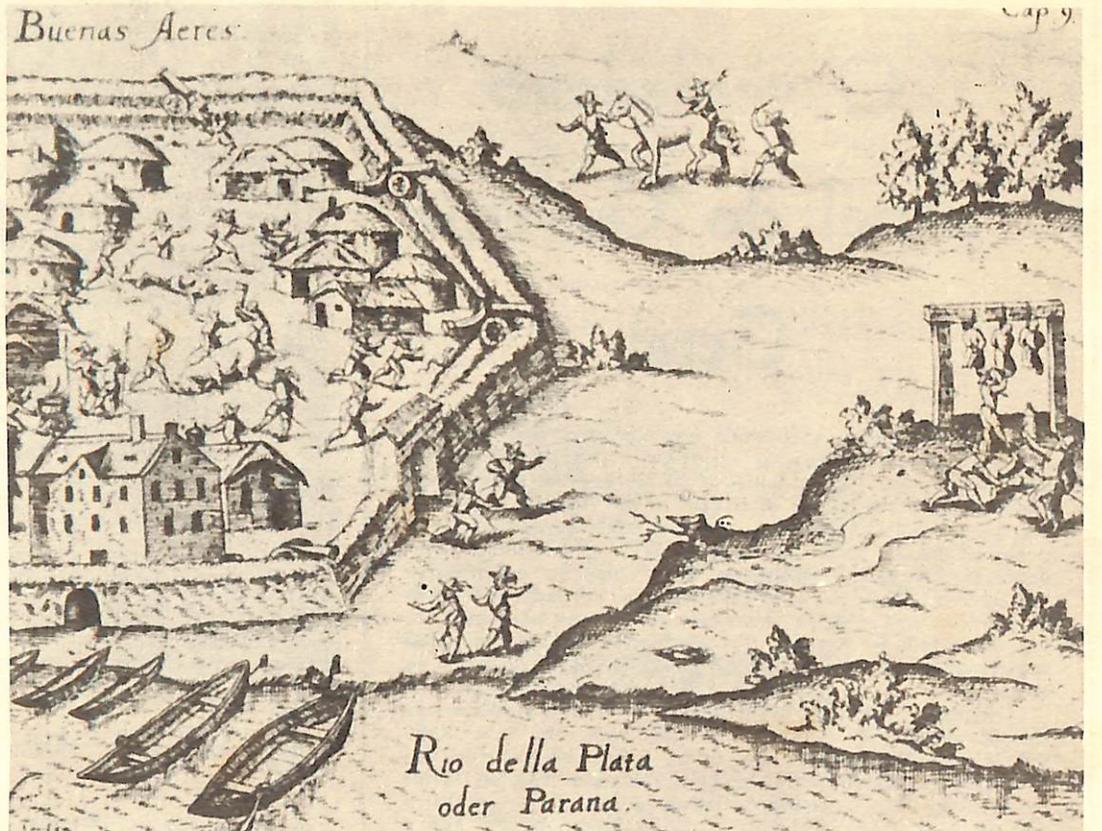
«Tratamos de seguir viagem para Manoa, a terra do ouro. Discutimos sobre quantos dias de viagem duraria esse novo trecho, se vinte ou trinta. Após quatro dias de viagem as chuvas obrigaram-nos a voltar a Los Reyes. Fracassara, na realidade, nosso sonho».

Triste e desanimado, concluiu Cabeça de Vaca:

«Desde aí meus dias passaram a ser vividos sob uma atmosfera de conspirações e subconspirações, que atingiram o ápice com minha prisão pelos colonizadores que governavam».

E finalizando:

«Não pensem os meus inimigos que desistirei. Continuarei lutando».



Até os índios ajudaram Cabeça de Vaca

Jesuítas ampliam programa de ação

Roma, 5, maio, 1548 (Do correspondente) Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL

A Companhia de Jesus resolveu ampliar seu programa de ação: seus membros, de pregadores e confessores, passaram a professores eminentes, modelando a mente da criança para melhor agir sobre a do homem.

Os frutos desta nova diretriz — com a qual pretendem nortear as classes dirigentes — já começaram a aparecer, bastando citar a multiplicação de colégios na Europa e a presença dos jesuítas em todos eles.

FALA LOIOLA

Inácio de Loiola, que estava doente até hoje, saiu para visitar os cardeais Alvarez de Toledo e Mendoza Bobadilla. O BRASIL EM JORNAL aproveitou a oportunidade para ouvi-lo sobre o palpitante assunto.

— «O fim desta Companhia, começou ele, não é somente atender à salvação e perfeição das próprias almas com a graça divina, mas procurar ajudar a salvação e perfeição das dos próximos. Para isso, fazemos três votos: de obediência, pobreza e castidade».

Quanto ao destino dos lucros de seus colégios, já que pelos estatutos a Companhia não pode ter renda para sustentação ou para outro fim, disse-nos:

— «Tais rendas se destinam exclusivamente à manutenção dos escolares».

COMO ENTRAR

No intuito de esclarecer os leitores que desejam ingressar na Companhia de Jesus, pedimos a seu geral que nos dissesse o que é preciso para tal. Loiola preferiu enumerar as impositivas:

— «Nós não aceitamos senão os que julgamos úteis aos objetivos da Companhia. Por exemplo, excluam a possibilidade de admissão: o ter-se apartado da Santa Igreja, renegando a fé ou incorrendo em erros contra ela; o homicídio ou a infâmia por pecados muito grandes; o matrimônio e a alienação mental.

— «Outros impedimentos, continuou Loiola, que por si não excluam da Companhia, fazem que seja menos idôneo o que deseja ser recebido. São eles, quanto ao íntimo: paixões que pareçam indomáveis ou hábitos de pecado incorrigíveis; intenção má quanto à religião; inconstância; falta de capacidade para as letras ou má memória para aprendê-las ou explicá-las; pouca idade ou muita idade».

CORCUNDA, NÃO

Sobre certos impedimentos oriundos da aparência física do candidato, disse-nos Loiola:

— «É de advertir que a fealdade excessiva ou alguns defeitos físicos, como corcundas e outras deformidades, naturais ou acidentais, eliminam liminarmente o candidato à Companhia de Jesus. Tais defeitos são inconvenientes para o sacerdócio e não ajudam a edificar o próximo».

ELEIÇÃO PARA GERAL

Num furo O BRASIL EM JORNAL conseguiu que Loiola, pela primeira vez, contasse como se passou sua memorável eleição para geral da Companhia de Jesus. É ele quem conta:

— «No ano de 1541, passada a quaresma, reunimo-nos Diogo Lainez, Alfonso Salmerón, Pascasio Broet, Juan Coduri, Claudio Jayo e eu e decidimos que, em três dias, cada qual trouxesse a cédula com o nome do que elegia. Assim fi-

zemos, recolhendo, também, os votos dos companheiros de Portugal (Francisco Xavier e Simão Rodrigues) e da Alemanha (Pedro Fabro). Recolhidos os votos, guardamo-los em arca fechada a chave, por três dias, para maior confirmação. Ao final, conferidas as cédulas no dia 8 de abril, eu estava eleito por unanimidade».

Loiola confessa-nos que relutou muito em aceitar o posto.

— «Há em mim, disse-nos, mais vontade para ser governado que para governar. A resolução foi entregue a meu confessor, Teodósio, com quem me confessei por três dias. Ao final, concluí, eu estava feito geral».



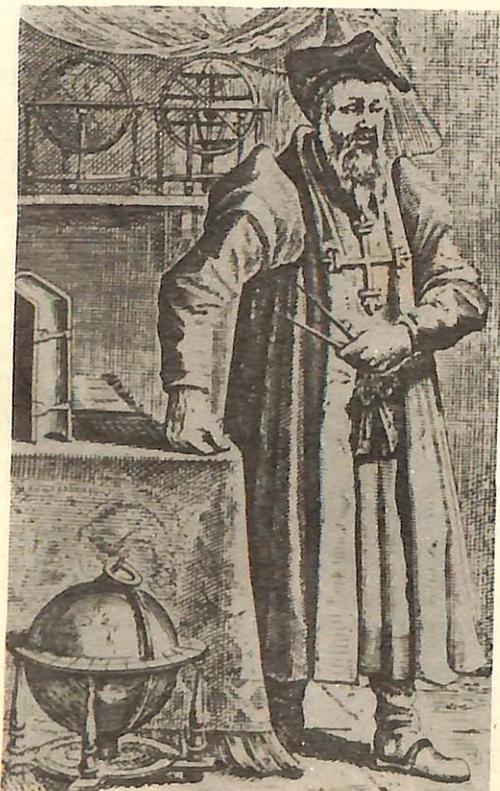
Jesuítas: mais ação, mais colégios em todo o mundo, maior propagação da Fé.

Orientalista descobre emissária do Espírito Santo

Veneza, 1548 (Do correspondente)

Guilherme Postel, orientalista e místico francês, de passagem por esta cidade no ano passado fez uma extraordinária descoberta: uma enviada do Espírito Santo e destinada a regenerar a humanidade. Trata-se de Joana, uma visionária de cerca de 50 anos.

Muito impressionado com sua descoberta, Postel impregnou-se do espírito da mulherzinha e disse que irá, em breve, ao Oriente, para ver se consegue unir a humanidade dividida entre muçulmanos e católicos.



O verdadeiro papel do Governo Geral

Até que enfim, atendendo aos conselhos dos entendidos e às reclamações dos interessados, o Governo Real decidiu pôr um termo honroso ao decadente regime das capitania; no Brasil e instituir, nessa imensa possessão territorial além-Atlântico, uma administração unitária, posta acima de todos os localismos que, naquelas paragens, já estavam ameaçando a unidade da colonização portuguesa. Estamos em presença de verdadeira vitória da opinião que sempre exaramos em nossas páginas contra o malfadado sistema das chamadas donatárias e daí registrarmos com desvêlo e júbilo a nova decisão da coroa lusa.

Segundo estamos informados, o Governo Geral do Estado do Brasil estabelecerá sua sede em uma nova cidade que éle próprio irá criar, conforme parecer dos conhecedores da matéria, na bem abrigada baía de Todos os Santos, onde goraram os esforços do infeliz donatário Francisco Pereira Coutinho, mas a presença de Diogo Alvares, o Caramuru, se mostra como garantia de base de povoamento e promessa de boas relações com os silvícolas, que desde longos anos o cercam do maior respeito. Ele é ali uma espécie de patriarca, rodeado de inúmeros descendentes. Demais, o sítio escolhido para implantar a futura capital do novo Governo tem características especiais: alta posição sobre o mar para sua defesa, pôrto de barra fácil e bem abrigado, ares calmos e salutíferos, boas e saudáveis águas, terra fértil e dadivosa. Desta sorte, se aqui estamos a aplaudir a criação do Governo Geral, também batemos palmas à escolha da posição de sua sede.

Estudando com visão imparcial e realista a matéria, chega-se naturalmente à conclusão de que outra não poderia ser. Dos esforços colonizadores levados por diante no período das capitania hereditárias, dois resultados se tornaram patentes: o desenvolvimento de Itamaracá e Olinda, isto é, Pernambuco, ao norte, e o de S. Vicente, Santos e Piratininga, ao sul. Acima de Itamaracá, como abaixo de S. Vicente, nada foi feito. Tanto assim que nos consta estadearem os entrelpos franceses entre a indiada da Paraíba e se acharem os remanescentes de expedições espanholas estabelecidos no Iguape. Ora, entre os dois pontos extremos da colonização lusa no Brasil deve ser colocada sua capital, para não somente atender com a devida presteza e o necessário equilíbrio a ambos, como para velar pelo que se passe no meio dessa distância e para, afinal, providenciar no sentido da expansão do domínio efetivo além desses limites, quer para o norte, quer para o sul.

Não poderia a escolha recair, sem prejuízo desse plano natural e lógico, e sem despertar ciúmadadas e rivalidades, nas povoações ora existentes — Olinda e Santos. A nova cidade se impõe pela força das circunstâncias. Estamos informados de que o ilustre donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, carregado de serviços à coroa, fundador de Olinda, povoador, administrador e policiador eficiente de sua capitania, muito desejava que ali se plantasse a cabeça do Governo Geral. Avalie-se, pois, se não se oporia com tôdas as forças do seu valimento à sua instalação na vila recém-criada por Brás Cubas! Estas explicações se destinam a mostrar aos nossos leitores, com a maior clareza, as razões da promissora mudança de rumos administrativos nos negócios do Brasil e da construção de uma cidade nova, embora lá já existam outros núcleos de povoamento com certa importância e regedores de grande prestígio.

Resta-nos agora desejar que as novas medidas produzam bons resultados, que bem escolhidos sejam os homens para levá-las a cabo e que os habitantes do Brasil compreendam o seu valor e justiça, colaborando no sentido de melhorar as condições de vida na terra onde mourejam. Um Governador Geral representará para eles, a nosso ver, uma autoridade superior próxima de suas necessidades, um socorro nos momentos angustiosos dos ataques dos inimigos, um magistrado capaz de dirimir com certa brevidade questões que sem êle se eternizariam em papelladas enfadonhas e custosas através do mar, afinal um intermediário prestigioso entre seus descaminhos e a pessoa do Rei. Por êle o soberano se aproximará um pouco mais dos seus súditos do outro lado do oceano. Este o verdadeiro papel do Governo Geral que, rogamos a Deus, não nos decepcione como nos decepcionaram na maioria os donatários das felizmente extintas capitania. Algumas, aliás, nem chegaram a nascer, ficando somente no papel...

A MODA COMO ELA É

Um novo tipo de mangas para homens acaba de aparecer em Paris. Elas agora são largas, bufantes mesmo, mas têm uma novidade: são cortadas em tôda a volta. De pedaço a pedaço, recebem como que uma liga elástica que as ajusta ao braço. Nome que os alfaiates deram à criação: «manga aos cortes». O povo, todavia, chama-as «manga pouco-pano».



LIVROS

Apareceu o «Quarto livro» de Rabelais. A obra é a continuação de livros anteriores do autor, já que a presença permanente dos principais personagens lhe dá unidade.

Agora, os personagens são mostrados em viagem à procura do oráculo divino. (No «Terceiro», os leitores se lembram, estava-se em dúvida sobre se Panurgo devia casar-se). Os viajantes passam por estranhos países: ilha de Papafigos, ilha de Papimanes etc., até chegar a uma terra maravilhosa, governada por Gaster (ventre), primeiro mestre de artes do mundo, pois é (para Rabelais, claro) a necessidade de comer que faz nascer tôdas as artes. «Tudo pela tripa», conclui o autor.

O livro é bom e nós o recomendamos como um dos melhores do ano.

Acaba de aparecer o «Comentários da Guerra da Alemanha», de Avila y Zuniga.

Em seu livro de testemunha presencial dos acontecimentos, Zuniga descreve os principais fatos da guerra contra os protestantes, mas o faz com muita parcialidade. O próprio imperador Carlos V, que o leu, disse-nos: — Os feitos de Alexandre excedem os meus, mas ele foi menos feliz como cronista.

Uma notícia de Lisboa: Damião de Góis, historiador e humanista de renome internacional, autor da chamada «Imelra crônica da Etiópia («Fides, religio, moresque aetiopum»), acaba de ser nomeado guarda-mor dos arquivos da Torre do Tombo.

O ilustre homem de letras, que foi durante algum tempo escrivão da feitoria de Flandres, é um dos portugueses mais bem relacionados da Europa.

MÚSICA

O compositor e violeiro espanhol cego Miguel de Fuenllana está preparando uma seleção de músicas para guitarra. Entre os autores já escolhidos figuram Vasquez e Pedro Guerrero.

A melhor casa editora de música, em Paris, no momento, é a de Pierre Attingnant, que, por mera coincidência, fica na rua da Harpa...

George Forster, médico e compositor alemão, antigo companheiro de Lutero, é, agora, muito solicitado pelos compositores de Nuremberg. Motivo: vai fazer-se editor e já está coligindo uma antologia de «lieds» polifônicos alemães.

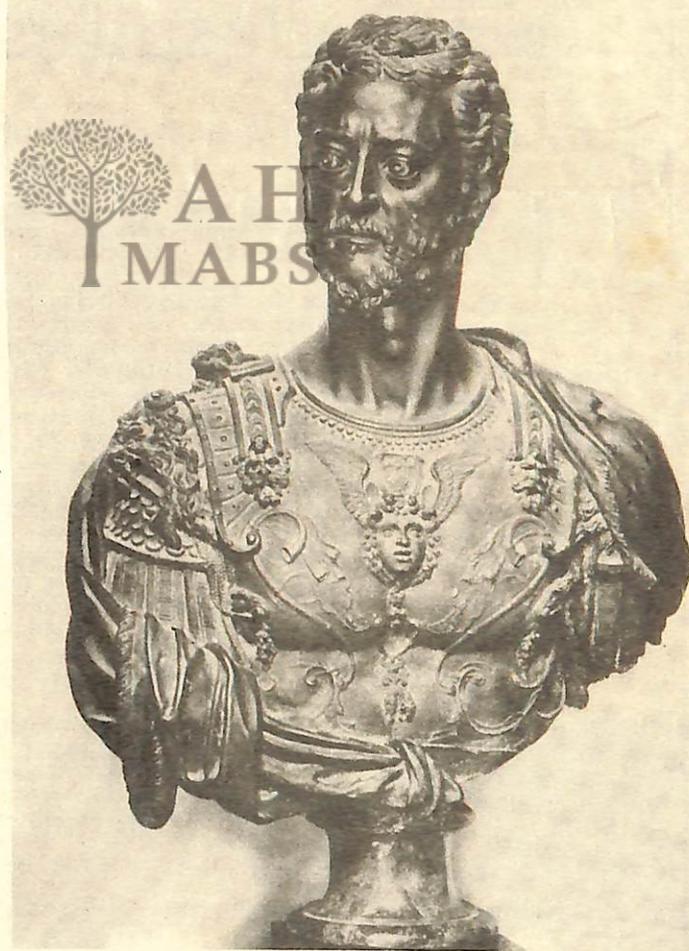
Adrien Petit, mais conhecido como o Coclico, presenteemente servindo ao duque da Prússia, em Königsberg, está preparando um livro sobre contraponto, baseado no seu antigo mestre, Josquin Des Prés.

AVISO

Por estarem praticamente esgotados os Ns. 1 e 2 de O BRASIL EM JORNAL, avisamos a nossos leitores que só os vendemos, agora, em coleções completas (do nº 1 ao 11), ao preço especial de Cr\$ 130,00.

Os outros números atrasados, continuamos a vender avulsamente.

As assinaturas começam sempre do número que está à venda.



Busto de Cosme de Médicis: Cellini

Florença, 1548 (Do correspondente)

Benevenuto Cellini, o irrequieto e mal-afamado escultor e gravador que se acha de volta a esta cidade, deu mais uma prova de sua excelente técnica e de seu excepcional gênio artístico com a apresentação do busto de Cosme de Médicis, que terminou este ano.

Cellini esteve cinco anos (1540-1545) na corte de Fran-

cisco I, de onde se afastou pelo seu mau comportamento e pela pressão que contra êle fez a duquesa d'Étampes, favorita do rei.

Agora o grande artista está trabalhando para Cosme de Médicis na confecção de mais uma de suas maravilhosas obras — o «Perseu» —, cujo modelo em cêra já foi apresentado ao duque há três anos passados.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
HILDE e ADAÏL

Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promocão
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
conj. 9-C — Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00



Flagrante da prisão de Gonçalo Pizarro : a revolução custou-lhe a cabeça

ROLOU POR TERRA A CABEÇA DE PIZARRO

Lima, abril, 1548 (Do enviado especial)

«Esta é a cabeça do traidor Gonçalo Pizarro, que se levantou contra Sua Majestade e deu batalha contra seu estandarte real no vale do Xaquixaguana» — eis os dizeres do cartaz afixado na jaula onde está exposta a cabeça do chefe rebelde, melancolicamente derrotado pela diplomacia e finura de Pedro de la Gasca, novo governante do Peru.

Gonçalo — irmão de Francisco Pizarro, o conquistador do Peru, é mais um membro da família famosa que morreu violentamente. Sua cabeça foi decepada por ordem do clérigo da Gasca — «El Capellán», como o chamavam os rebeldes — encarregado pelo príncipe regente Filipe de pacificar as terras peruanas.

A EXECUÇÃO

Vale do Xaquixaguana, abril, 1548 (Do enviado especial)

Foi solene e impressionante a execução de Pizarro. Vestido com luxo, como sempre o fizera, marchou para o cadafalso escoltado por clérigos que lhe mostravam um crucifixo. Nas mãos levava uma imagem da Virgem, que beijava com freqüência. Em seguida, ajoelhou-se e permaneceu alguns minutos em oração. Não permitindo que lhe vendassem os olhos, inclinou a cabeça para o cutelo do carrasco, que a cortou de um só golpe.

«El Tirano», como era chamado pelas forças reais, tinha apenas 42 anos quando morreu. Era de porte distinto, grande cavaleiro e muito hábil no manejo da espada e da lança; sobressaía-se em todos os exercícios marciais. Conquistava o coração do povo com sua franqueza e liberalidades. Em perspicácia e conhecimento era inferior a seus irmãos, mas os superava em ambição.

BRINCOU TAMBÉM COM A MORTE

Com a derrota total dos rebeldes, não foi melhor a sorte

de Francisco Carbajal, de Juan de Acosta e de mais outros cavaleiros que se renderam com Gonçalo. Carbajal, homem de confiança de Pizarro, foi feito prisioneiro por alguns de seus próprios soldados, quando o cavalo em que fugia caiu.

Levado à presença de Diego Centeno, disse-lhe, quando este se identificou: «Perdoe-me.

Faz tanto tempo que só vejo suas costas que já me havia esquecido de seu rosto. Ironizava, assim, a fuga de Centeno em Charcas e sua recente derrota em Huarina.

Quando comunicaram a Carbajal que seria arrastado por cavalos e esquartejado, disse ao repórter, com sua habitual indiferença: «O máximo que podem fazer é matar-me». A mesma fleuma conservou ao ser colocado na carruagem do suplício: «Criança em berço, velho em berço», disse.

Francisco de Carbajal morreu como tinha vivido: com um sarcasmo na boca. Suas burlas às situações mais críticas ficaram famosas. Era um dos capitães mais cruéis e extraordinários destes conturbados tempos, apesar de seus 84 anos.

A BATALHA QUE NÃO HOVE

A mais sangrenta insurreição que, até hoje, o império espanhol conheceu teve um fim fácil. A decisiva batalha de Xaquixaguana nem chegou a começar, pois os rebeldes se entregaram logo. Foi uma vitória que condizia bem com o caráter benéfico do vencedor e de sua causa.

Estava também terminada a missão de Pedro de la Gasca, que conseguira o seu objetivo: a pacificação do país, agitado desde a deposição e morte do vice-rei Blasco Nuñez. Gasca fôra indicado para a missão por uma junta de prelados, juriconsultos e militares (entre eles o célebre duque de Alba), quando o governo estava confiado ao príncipe Filipe, filho de Carlos V, que se encontrava na Alemanha.

CAIU CONSTANÇA

Constança, agosto, 1548 (Do correspondente)

Tropas espanholas do Imperador Carlos V ocuparam esta cidade suíça. Embora dois suíços, Hans Franz Nägeli e Hans Jacob von Wattenwil, houvessem proposto que se defendesse Constança a todo custo, os outros cantões do país, inteiramente católicos, preferiram manter-se neutros ante as dificuldades de uma cidade protestante.

Constança, velha cidade livre, é, portanto, agora, do domínio do imperador, que pretende reduzi-la ao catolicismo.

MOTIM NA INGLATERRA POVO QUER LEIS ANTIGAS

Cornwall, Inglaterra, julho, 1548 (Do correspondente)

Grave motim rebentou nesta cidade e se estendeu, imediatamente, a outras regiões do país, como Yorkshire e Kent.

Os revoltados desejam a manutenção das leis religiosas de Henrique VIII. A cidade de Exeter está cercada por tropas do governo.

PRÊSO GARDINER

Londres, julho, 1548 (Do correspondente)

Gardiner está prêso na Torre de Londres, em vista de se ter pôsto ao lado de algumas reivindicações populares. Informa-se oficialmente que uma comissão destituiu, em Oxford, os teólogos considerados dóceis e os substituiu por calvinistas.

A situação nos lugares revoltados voltou à calma. Os cabeças foram aprisionados e punidos, embora não conste nos comunicados oficiais a pena por que passaram.

O bispo desta cidade, Edmund Bonner, fôra convidado a falar aos revoltosos e se negou a atender ao convite. Espera-se sua prisão de um momento para outro.

EXETER DOMINADA

Londres, 1º, setembro, 1548 (Do correspondente)

Voltou a paz ao Yorkshire e Kent. Exeter foi vencida pelo cerco das forças do rei Eduardo VI. O bispo de Londres, em virtude de sua desobediência, foi prêso por ordens reais, e encaminhado a Marshalsea.

DECORAÇÃO

Para valorizar sua casa, O BRASIL EM JORNAL recomenda: lustre do último modelo alemão — um busto de mulher associado a cornos de cervo e que se prende ao teto por duas cadeias.

O conjunto é de rara beleza e pode ser aplicado no «hall» ou na sala de refeições, dando grande solenidade ao ambiente requintado do momento. A leitora provavelmente o encontrará nas boas casas do gênero.



Jesuíta comenta

igrejas de Portugal

São Fins, 18, junho, 1548 — (Do correspondente)

Manuel da Nóbrega, o jesuíta que, segundo informamos em nosso número anterior, fôra roubado em seu guarda-chuva, falando-nos hoje sobre o estado de algumas igrejas em Portugal, disse-nos:

— As que pude ver não estão em bom estado. A de São João, por exemplo, tem apenas um cálice para a missa. Não há paramentos, as alfaias são

insuficientes para o culto divino. Presentemente estamos enfrentando um complicado problema da anexação de várias igrejas à Companhia. Em Roma, há mesmo delegado junto ao Santo Padre tratando do assunto. Por enquanto, nós que cuidamos de tais templos não podemos agir com inteira liberdade dada a dúvida que sobre eles existem. Vamos esperar a decisão do Papa para então nos dedicarmos a resolver tais problemas a que me referi acima.

Raptada rainha de 6 anos

Edimburgo, agosto, 1548 (Do correspondente)

A rainhazinha de seis anos (Maria Stuart) deixou a Escócia, em companhia de seu tio Francisco de Guise, e embarcou para a França.

Maria, que foi praticamente raptada, está de noivado tratado com o delfim da França, Francisco (4 anos), para des-

contentamento dos ingleses, que esperavam seu casamento com o novo rei Eduardo VI (11 anos).

Este jôgo de interesses estatais, que envolve a inocência de três crianças, significa a guerra entre a Inglaterra, de um lado, e a França e Escócia, de outro.

No trono da Escócia, como regente, fica Maria de Lorena, mãe da jovem rainha e irmã de Francisco de Guise.

Herói da Índia morre na miséria

Goa, 6, junho, 1548 (Do correspondente)

Pobre e honradamente, como viveu, morreu hoje, nesta cidade, o governador da Índia, D. João de Castro.

O vencedor de Diu expirou nos braços do jesuíta Francisco Xavier, após uma breve mas dolorosa moléstia. Castro, logo que enfermou, passara o governo a uma junta de que fazia parte, entre outros, o bispo D. João de Albuquerque.

Ontem, sentindo-se fraco, o governador reuniu os vereadores desta cidade e fez-lhes uma breve exortação.



JOÃO DE CASTRO

Vencedor dos muçulmanos e governador: morreu na miséria

— «Não terei, disse-lhes, vergonha de revelar que ao vice-rei da Índia faltam, nesta doença, as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre dos soldados. Vim a servir e não para comerciar no Oriente. A vós mesmo quis empenhar os ossos de meu filho, mas empenhei os cabelos da barba porque, para vos dar garantias, não tinha tapeçarias nem baixelas».

QUASE INDIGENTE

Um vereador presente conta-nos que quase todos choraram às palavras finais de João de Castro. O fôlego do ex-governador faltava-lhe e ele teve de pronunciar as palavras pausadamente:

— «Hoje, não houve nesta casa dinheiro para me comprar uma galinha. Nos meus exércitos, os soldados antes comem do salário do governador que do soldo do rei. Portanto, não é, de espantar que esteja tão pobre um pai de tantos filhos. Enquanto durar minha doença, peço-vos que designeis um dentre vós para que, com modesta quantia, me alimente».

D. João de Castro reclinou a cabeça e morreu.

FÔRA FEITO VICE-REI

A morte de D. João de Castro enche de pesar toda a Índia. O rei de Portugal, sabedor de seus feitos heróicos em Diu, nomeara-o, há poucos meses, vice-rei e prolongara-lhe o mandato por mais três anos.

O extinto deixa dois filhos: Álvaro e Miguel.

Além das extraordinárias vitórias alcançadas sobre o hi-

dalção (o que contribuirá para fortalecer Portugal na Ásia), Castro era um espírito voltado para a indagação científica. Escreveu interessantes roteiros de viagem. Sua nomeação para o posto de governador da Índia portuguesa deveu-se ao reconhecimento de seu alto valor por parte do infante D. Luís. Graças a seu tirocínio militar, a Índia fica quase toda pacificada, já que subjugou Patane, Dabul, Pate, Pondá etc. Seus despojos serão sepulta-

dos na igreja do convento de São Francisco.

SUBSTITUTO

Após a morte de D. João de Castro, até certo ponto inesperada (contava apenas 48 anos de idade), foram abertas as vias de sucessão. Os escolhidos, pela ordem, eram: D. João Mascarenhas e D. Jorge Telo. Ausentes estes, consultou-se a 3ª via e a escolha real recaiu em Garcia de Sá, do Conselho de D. João III.



Garcia de Sá

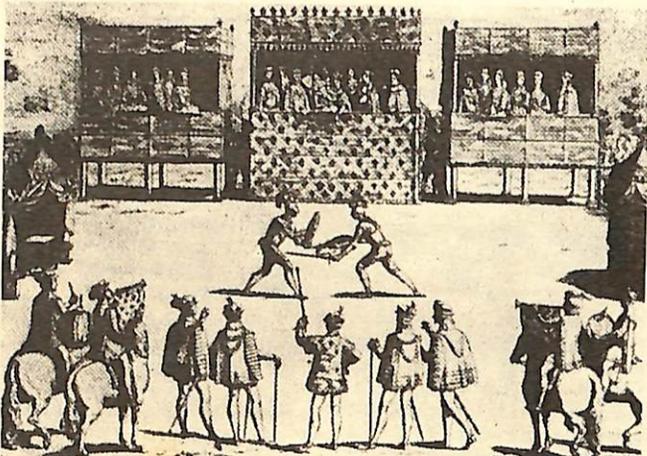
GARCIA DE SA

Tarefa ingrata: substituir João de Castro

EM SOCIEDADE

O BRASIL EM JORNAL publica, embora com atraso (as circunstâncias impediram-nos de fazê-lo antes), um sensacional flagrante: o do duelo de Jarnac com La Châtaignerale. Este assunto que inflamou toda a França, no ano passado, se deve a motivos muito torpes.

A amiguinha de Henrique (Diana de Poitiers), então herdeira do trono, acusou Jarnac, parente da duquesa d'Etampes, de viver às expensas desta. Jarnac desmentiu os rumores e chamou os difamadores de vis. O senhor de Châtaignerale pegou o pião na unha, em nome do Delfim. Houve duelo. Jarnac muito miúdo e Châtaignerale grandalhão. Esperava-se a morte daquele, mas o feitiço virou contra o feitiçeiro. Num lance de sorte, Jarnac venceu. Diana ficou inconsolável.



A rainha de França, Catarina (para os íntimos: «Florentina») está esperando ou-

tra visita da cegonha, o que deverá acontecer até fevereiro próximo.

Depois da longa espera, esta será a quarta visita que a «Florentina» recebe.

A corte francesa teve uma surpresa: no dia 8 de outubro a sra. Diana de Poitiers foi feita duquesa de Valentinois. Catarina de Médicis, mulher de Henrique II, não gostou mas não disse nada.

Uma notícia da corte inglesa: fala-se com insistência que a princesinha Elisabeth (filha de Henrique VIII e Ana Bolena) tem sido alvo de certas maquinações torpes de parte de Lord Seymour, irmão do Protetor Somerset e marido da rainha viúva Catarina Parr.

Segundo se propala, as insinuações de Seymour visam apenas a manchar a reputação da princesa. Motivo: política dinástica. Elisabeth teve reconhecido seu direito à coroa e é a segunda herdeira apta a exercê-lo.

Uma notícia interessante acaba de nos chegar de Rosas (Espanha), neste mês de outubro: o príncipe Filipe, filho de Carlos V, por ordem de seu pai, teve de viajar pela Europa, para se adestrar na arte de governar. Mas muita gente está dizendo que a viagem do príncipe se prende a outros motivos. Filipe, viúvo há três anos, terá também incumbência de procurar esposa que lhe agrade. Em Bruxelas, segundo outras fontes, deverá ser jurado herdeiro do

trono dos Países Baixos. Vamos esperar para confirmar.

Cosme I de Médicis, o jovem duque de 29 anos, situação que deve a Carlos V, está cada vez mais em evidência em Florença. Sua mão começa a se fazer de ferro e muitos já o consideram de futuro grandioso demais para passado algo obscuro. O poder está todo em suas mãos. O mecanismo constitucional de Florença foi reformado para que a engrenagem estatal funcionasse. Seu último ato de força foi a anexação da ilha de Elba, que alimentava veleidades autonomistas.

A conduta política de Henrique II, rei de França (autoridade no interior e belicismo no exterior), tem um coordenador eficiente, ao que dizem, na pessoa do 2º duque de Guise, Francisco de Lorena. Mas sua influência não se deve tanto a seus reais méritos já demonstrados no campo de batalha. Dizem que o que vale mesmo é Diana de Poitiers.

John Knox, o sacerdote escocês que há um ano pregava violentamente contra o catolicismo e foi aprisionado pelos franceses, sofrendo pena de galés, conseguiu o que desejava: liberdade. Depois de um ano de trabalhos forçados, foi libertado por influência da corte inglesa e já está em Londres. Um pouco mais magro apenas, mas ainda muito

radical em seus princípios reformistas.

Outro reformador que não está bem é Teodoro de Bêze. Ao que nos informou nosso correspondente em Genebra, ele ali chegou, há dias, muito deprimido. Não se sabe se pela vida de dissipação ou porquê. Dizem que procura emprego e já há um prometido: lecionar grego em Lausanne.

Diogo Lainez, que fundou com Lolola a Companhia de Jesus e que participava do Concílio de Trento desde a primeira sessão, vai aproveitar a interrupção dos trabalhos ali, para pregar em Nápoles e Palermo. Os católicos destas cidades, ao saberm da notícia, vão sentir-se compensados da falta de resultados imediatos naquele conclave, podemos assegurar.

Um nobre da mais alta estirpe de Espanha, Francisco de Borja (marquês de Lombay, ex-vice-rei da Catalunha e duque de Gândia), acaba de ingressar na Companhia de Jesus.

Borja, que enviuvava há dois anos, teve ocasião de tratar há algum tempo, em Barcelona, com um companheiro de Lolola, Pedro Fabro, e se sentiu com a vocação despertada em seu espírito. Agora, autorizado por um breve apostólico, fez solene profissão religiosa. O novo militante jesuíta é um espelho de virtudes.

FRADE VIU MULHERES GUERREIRAS

Entrevista com frei Gaspar de Carvajal
sobre a viagem de Orellana

Espanha, janeiro, 1548 (Do enviado especial)

«Eram guerreiras de alto porte, brancas, fortes, seminuas, com cabelos longos, manejando com habilidade arco e flecha e uma maça d'armas, semelhante a um tacape.»

Assim começou falando ao repórter o dominicano frei Gaspar de Carvajal, referindo-se ao encontro que ele e seus companheiros da viagem de Francisco Orellana tiveram com as famosas amazonas.

E acrescentou:

«Não só combatiam com incrível ferocidade como matabam sumariamente os seus companheiros que empreendiam a fuga diante do inimigo.»

Frei Gaspar de Carvajal tem autoridade de sobra para assim afirmar, uma vez que tomou parte na hoje famosa expedição de Orellana, que O BRASIL EM JORNAL noticiou brevemente em número anterior, referindo-se ao seu início.

Recordando para o leitor, lembramos que Orellana partiu, em 1542, de Quito, na expedição chefiada por Gonçalo

Pizarro, irmão de Francisco, governador de Peru. O objetivo era o lendário país da Canela, atingido por fim pela tropa de Gonçalo, após incríveis vicissitudes. Construído um bergantim para a volta, Gonçalo encarregou Orellana, um dos capitães de sua maior confiança, que seguisse à frente, em busca de mantimentos para seus soldados famintos e quase desesperados.

Seguindo o rio Napo, Orellana acabou por enveredar por um outro braço de rio, tocando para diante, a pedido de seus companheiros e provavelmente também levado pelo espírito de aventura tão peculiar aos descobridores e conquistadores da época presente.

E sobre o estranho encontro dos espanhóis com a tribo das amazonas, ocorrido nessa viagem de Orellana, que nos falou frei Gaspar, em sua breve entrevista.

Disse-nos mais o nosso entrevistado, sobre as incríveis mulheres guerreiras:

«Elas residiam em numerosos povoados, distantes 7 dias de marcha das margens do rio onde as encontramos, sendo sua rainha Coñori. Viviam quase que constantemente afastadas dos homens, salvo em determinadas épocas, quando os convocavam para fins de procriação. Poupavam as meninas recém-nascidas, eliminando, tanto quanto possível, os meninos.»

VIDA FAUSTOSA

«As amazonas — continuou frei Gaspar — viviam vida faustosa e alegre, ocupando residências suntuosas, cercadas de objetos de alto preço. Adoravam imagens e realizavam cerimônias rituais.»

DESTINO DE ORELLANA

Espanha, janeiro, 1548 (Do enviado especial)

Após a entrevista que conseguimos com o cronista da expedição de Orellana, frei Gaspar de Carvajal, podemos acrescentar alguns informes sobre o destino que teve o comandante da expedição. A tropa de Orellana conseguiu, navegando pelo grande rio das Amazonas, chegar ao Atlântico, após combates e sofrimentos sem conta, atingindo a Espanha, onde Orellana permaneceu até 1545, quando empreendeu nova viagem, já agora como adelantado da Nova Andaluzia, recém-criada possessão espanhola da América, de limites imprecisos, mas traçados com a devida cautela a fim de evitar atritos com a coroa portuguesa no Novo Mundo.



Sabemos que essa nova viagem de Orellana iniciou-se em 11 de maio de 1545, zarpando as 4 nave e seus 400 passageiros de Sanlúcar de Barrameda, com destino ao rio das Amazonas.

Sabemos, também, que a frota de Orellana partiu clandestinamente, sem observar determinações da «Casa de Contratación», de Sevilha, órgão controlador dos negócios das Índias Ocidentais, relativas à aparelhagem das naus prestes a partir.

Rumaram para as Canárias, onde permaneceram três meses em Tenerife e mais dois em Cabo Verde, tendo 148 pessoas desistido de prosseguir viagem e perdeu-se um navio, perecendo 70 homens e 11 cavalos.

Foi demorada a travessia marítima, alcançando Orellana finalmente o Amazonas, cuja subida iniciou, tendo percorrido cerca de 100 léguas, com naufrágios e perdas de vidas. Em local não identificado até hoje, adoeceu e morreu Francisco de Orellana e os sobreviventes da expedição conseguiram atingir a ilha Margarita.

Assim, a Nova Andaluzia, criada pela capitulação real de 1544, não chegou realmente a conhecer o seu adelantado.

N. da R. — Nascida na Antiguidade, enriquecida na Idade Média e nas primeiras décadas deste século XVI, a lenda das amazonas veio implantar-se no Novo Mundo desde o tempo de Colombo, a quem coube, seguramente, a primeira alusão àquelas afamadas viragos.

A duvidosa existência das amazonas passou, desde então, e por longos anos, a desempenhar papel dos mais relevantes, constituindo-se como verdadeira idéia fixa e originando inúmeras expedições nos mais variados setores geográficos americanos.

As informações tidas como prestadas pelos indígenas devem correr à conta de sua pressa em concordar com o que sugeria o conquistador, mesmo porque dessa concordância poderia resultar o afastamento do invasor intruso e detestado.

Quando os espanhóis vieram ter ao Novo Mundo, achavam-se possuídos de sentimentos e tendências que, num meio estranho e de enormes possibilidades, lhes norteava a ação: espírito de aventura, imaginação exaltada, pendor pronunciado pelas ações cavalheirescas, conceito da necessidade do emprêgo da força, sede de riqueza, espírito de excessiva religiosidade...

Mesmo junto às classes sociais aparentemente menos suscetíveis de serem atraídas pela literatura de cavalaria.

tornou-se corrente o seu acolhimento franco.

Uma relação de personagens dará melhor conta desse apêgo a tal gênero de literatura: Teresa de Jesus, leitora assídua de romances de aventuras e até autora; Inácio de Loyola, Francisco I, Carlos V, Cristóvão e Fernando Colombo, Diego Hurtado de Mendoza, Garcilaso de la Véga, Fernando de Ávalos, Bernal Diaz del Castillo, Pigafetta, Orellana, Juan Diaz, Pedro Martir, Cortez Oviedo, Herrera, Diego Velasquez, Augustin de Zárate, Ulrich Schmidt, Nuño de Guzman, Jerônimo Lopez e Frei Gaspar de Carvajal, que vimos de entrevistar.

Logo no início deste século XVI duas obras vieram poderosamente contribuir para que a lenda das amazonas fosse lembrada: as *Sergas de Esplandián* e o *Lisuarte de Grecia*.

A primeira dessas obras, cuja edição original data de 1510, se oferece como continuação de outra de invulgar renome, do Amadis de Gaula (1508), cuja autoria é mais justificadamente atribuída a Garcí Ordóñez de Montalvo. A outra, cuja primeira edição parece datável de 1514, de autor desconhecido, logrou também a ampla divulgação que ocorrerá com as de autoria de Montalvo.

No tocante às Amazonas, as referências mais interessantes de Esplandián dizem respeito a Calafia, rainha das amazonas e ao seu misterioso reino da Califórnia.

Na verdade, das numerosas lendas do Novo-Mundo, nenhuma superou a das amazonas, e mesmo uma das mais célebres, a do El Dorado, jamais logrou despertar tão demoradamente a atenção, nem tampouco determinou o largo surto de explorações a que a primeira dera lugar.

Assim, interessantes, mas em segundo plano, além da do El Dorado, figuram como principais: Fonte da Juventude, Bimini, Sete Cidades de Cibola, Serra da Prata, País da Canela.

EXECUTADO

BURLAMACCHI

Milão, 14, fevereiro, 1548 (Do correspondente)

Francisco Burlamacchi foi hoje executado nesta cidade a mando da Inquisição. Paga, assim, com a vida sua tentativa de fundar uma federação de cidades toscanas contra o Imperador Carlos V e a Santa Sé. Contava com o apoio de alguns florentinos hostis ao principado dos Médicis, que governam Florença.

JORNAL ECONÔMICO

Nuremberg, 1548 (Do correspondente)

Acaba de aparecer nesta cidade um importante manual contendo uma coleção de tarifas. Seu autor é Lorenz Meder e o título da obra é «Handelbuch».

A obra embora de grande aplicação prática não agradou ao grande público. As tarifas de Meder não cobrem todo o mundo e seu estilo é algo seco. Sua grande utilidade é mesmo para os comerciantes.

★

Informa-se de Anvers que a feitoria portuguesa naquela cidade está prestes a fechar-se. Motivo: dificuldades financeiras.

As mercadorias sobre as quais se faziam os negócios ali estão sendo obtidas com muito sacrifício e seu comércio já não interessa. Segundo se propala, a causa principal do próximo fechamento da feitoria seria mesmo o contrabando e o desvio de rendas.

COLÉGIO DAS ARTES

Coimbra, 21, fevereiro, 1548 (Do correspondente)

Com toda a pompa, inaugurou-se, hoje, nesta Universidade, o Colégio das Artes, organizado pelo grande pedagogo português André de Gouveia.

A aula inaugural foi pronunciada por Arnaldo Fabrício, que discorreu sobre «De liberalium artium studiis oratio».

O novo colégio, de iniciativa do rei D. João III, é inteiramente gratuito e representa como que uma réplica do «Collège de France». Os estatutos de ambos são quase idênticos.

Entre os vários cursos a serem ministrados, agora, em Coimbra, constam: Latim, Grego, Hebraico, Matemática e Filosofia. Para tais cadeiras, o professor André de Gouveia conseguiu no exterior o concurso de mestres ilustres como Nicolau Grouchy, comentarista de Aristóteles, Guilherme Guerente, Elias Vinet (arqueólogo e matemático), Jorge Buchanan, humanista, historiador e poeta escocês, além dos portugueses já de renome internacional, como Diogo de Teive e outros.

O Colégio das Artes é inteiramente independente da Universidade.

Salário

de ministro:

200 mil reais

Almeirim, 17, dezembro, 1548 (Do correspondente)

A partir de hoje o Brasil já tem provedor-mor, pessoa incumbida de zelar pelas rendas nacionais. No regimento para o cargo agora criado, D. João III indica quem o irá exercer: Antônio Cardoso de Barros.

Barros, quando da instituição das donatárias, recebeu um quinhão de terras no lugar conhecido como Ceará. Nunca o aproveitou. Agora, sua nomeação como provedor (Ministro da Fazenda) vai render-lhe anualmente 200 mil reais, além do direito de sobrevivência na pessoa de uma das filhas ou genros.

COLUNA MILITAR

Paris, 1548 (Do correspondente)

Estão sendo distribuídas nos corpos de cavalaria ligeira do exército francês novas armas de fogo, destinadas ao tiro a cavalo. Trata-se de uma invenção dos espingardeiros italianos que a denominam schioppetto, de schioppo, de arma de fogo. São pequenos arcabuzes de boca larga, que podem suportar uma carga bastante forte. Os franceses os chamam de escopettes. Em Espanha e Portugal denominam-se escopetas, e escopeteiros os soldados que dele fazem uso.

LANÇAS

Paris, 1548 (Do correspondente)

Em alguns países europeus a cavalaria ligeira está sendo munida de lanças de mais ou menos 12 pés de comprimento, apendoadas com uma bandeira pontiaguda. São chamadas estardiotas ou estradiotas por terem sido trazidas da Albânia pelos mercenários do mesmo nome, que significa batedores de estradas.

«GENTILHOMMES»

Paris, 1548 (Do correspondente)

A artilharia, em França e na Alemanha, está adotando uns tubos de madeira de uns dois e meio pés de comprimento, com guardanções de ferro cobertas de puas agudíssimas, destinadas a impossibilitar agarrá-las. Carregam-se com pólvora, pedras e metralha, lançando-se como foguetes contra o inimigo. A esses engenhos os franceses estão chamando gentilhommes.

NERI
FUNDA
CONFRARIA

TIRANIA EM GENEBRA

Roma, 16, agosto, 1548 (Do correspondente)

Uma Confraternidade para peregrinos e convalescentes foi fundada em Roma. Seu idealizador é Filipe Néri, ou, como é mais conhecido aqui, em razão de seu procedimento humanitário, «il buon Pippo».

Filipe é natural de Florença e conta agora 33 anos de idade. Desde menino revelou alto espírito de religiosidade. Ouvira, segundo seus amigos, com imenso prazer, a prédica inflamada de frei Balduino. Aos dezoito anos, passou a viver na cidade de Cassino para cuidar de negócios de que um parente o fizera herdeiro.

Mas nunca deu grande importância ao comércio. Seu espírito funcionava apenas para as coisas da religião. Em um ano decidiu-se: consagrar-se a Deus.

Abandonou Cassino e veio para Roma. Estudou nas coisas sagradas o melhor meio de alcançar seu objetivo. Neste afã, empregou quase toda sua fortuna na compra de livros.

O caminho que escolheu não lhe pareceu o mais acertado, todavia. Há oito anos se desfez de sua biblioteca, deu todo o dinheiro aos pobres e doentes e resolveu dedicar-se exclusivamente aos enfermos e desvalidos. Visitou igrejas e catacumbas romanas, prodigalizando atenção à infância e aos doentes.

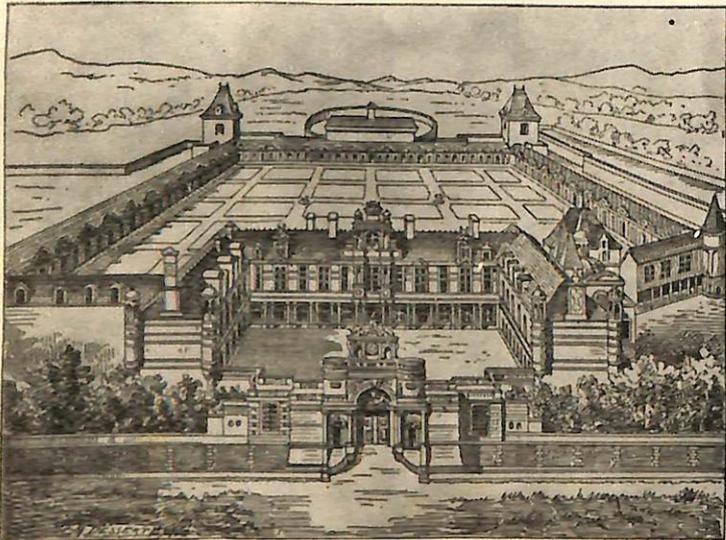
A fundação da Confraternidade coroa sua inclinação e foi recebida pelos necessitados como uma bênção de Deus. Ao que estamos informados, o jovem religioso ainda tem um objetivo a atingir: ordenar-se.

Um castelo para Diana

Paris, 1548 (Do correspondente)

Philibert Delorme, o recém-nomeado superintendente das construções em França, recebeu uma incumbência difícil: desenhar os planos de um castelo para Diana de Poitiers, em Anet.

Em pouco tempo Delorme aprontou o projeto que acima estampamos, na sua técnica extraordinária. Resta ouvir o veredito de Diana. Henrique II gostou.



Genebra (Suíça), 1548 (Do correspondente)

Sabe-se, agora, que um escrito injurioso, considerado altamente ofensivo ao despotismo dos ministros de Calvino, fez rolar a cabeça de Jacques Gruet, executado a 26 de julho do ano passado como principal responsável pelo abuso.

Documentos encontrados em casa de Gruet não deixaram qualquer dúvida quanto ao seu ódio ao regime de Calvino. Foi três vezes torturado até que confessou o que queriam seus acusadores. É mais uma vítima da intolerância calvinista e da severidade das leis que dirigem os cidadãos desta cidade.

Convém lembrar o que aconteceu com Pedro Ameaux, há anos atrás, obrigado a dar uma volta pela cidade em camisa, pedindo misericórdia a Deus e a Calvino. Motivo desse castigo: Ameaux deplorou, numa refeição privada, o restabelecimento, nesta cidade, de uma tirania considerada ainda pior que a dos antigos bispos.

Arte na França em mãos de franceses



Paris, 3, abril, 1548 (Do correspondente)

A direção do movimento artístico de França vai passar, ao que indica um ato hoje baixado, às mãos de franceses.

Philibert Delorme é o novo superintendente das construções reais e investido de poderes jamais conferidos a outro arquiteto. O novo superintendente, segundo nos disse hoje, logo após sua escolha para o cargo, pretende impor imedia-

tamente aos construtores da coroa uma linha de estilo: a volta aos antigos.

Delorme, que há pouco tempo correu a Itália para ver de perto a arte antiga, voltou bem impressionado com o que lhe mostraram. Seu plano de ação, esclareceu-nos ele, já está todo traçado: «os velhos mestres pedreiros refratários às idéias novas serão reduzidos ao papel de simples executantes dos nossos projetos».



Ticiano retrata Carlos V

Augsburgo, 1548 (Do correspondente)

Ticiano, o grande mestre da pintura, terminou este ano mais um de seus quadros: o retrato do imperador Carlos V sentado, sem roupa de etiqueta. O próprio imperador mostrou-se satisfeito com a obra de Ticiano, cumulando-o de favores e atenções. A crítica recebeu com especial agrado o retrato, tendo sido afirmado que Ticiano melhora à medida que se torna mais velho, perdendo a timidez que revelou em seus primeiros quadros. O BRASIL EM JORNAL tem a honra de reproduzir a referida obra.

BIRMÂNIA SEM ELEFANTE REVOLTOU-SE CONTRA REI

Aiutia, Sião, outubro, 1548 (Do nosso enviado Fernão Mendes Pinto)

Vencidos pela feroz resistência dos siameses, os birmaneses que invadiram o Sião por causa do elefante branco, retiraram-se em grande confusão.

A cidade esteve cercada por vários meses e os invasores tinham 4 mil elefantes de guerra. O assédio foi comandado pelo próprio rei inimigo, Tabin Shwé-Ti e em seus exércitos havia um grupo de portugueses mercenários, dirigidos por Diogo Soares de Melo, além de turcos e gregos.

O caminho pela selva, até Aiutia, foi aberto por um batalhão de sapadores. No ataque à cidade, os assaltantes, montados nos elefantes, atiravam à queima-roupa contra os defensores. Além disso, os próprios elefantes, com as trombas, arrancavam a paliçada de bambu que servia de parapeito ao fortim. Um grupo de soldados turcos chegou a penetrar no forte, mas tropas de assalto javanesas o repeliram com enormes baixas.

Durante a noite, os birmaneses bombardearam o forte com um novo tipo de projéteis inventado por um grego. Mesmo incendiada, a cidade manteve-se de pé.

Aiutia, outubro, 1548

Rebelião na Birmânia! A notícia estourou como uma

bomba nesta cidade, que vinha suportando o assédio dos birmaneses chefiados pelo próprio rei. Segundo informes aqui chegados, um parente de Tabin, Smim, levantou-se contra seu rei em virtude do insucesso contra o Sião. As últimas tropas da Birmânia deixaram este país às pressas.

COLEÇÕES COMPLETAS E ASSINATURAS

As coleções completas de O BRASIL EM JORNAL — Ns. 1 a 11 — são vendidas ao preço especial de Cr\$ 130,00. As assinaturas só podem ser feitas a partir do número à venda.

Os números de 3 em diante são vendidos avulsamente ao preço de Cr\$ 15,00 cada um. Os números 1 e 2 só são vendidos em coleções completas, uma vez que estão praticamente esgotados.

Os pedidos devem ser feitos para a Editora Reforma, Rua México, 119, 12º andar, telefone 22-6807, Rio, ou à sucursal de S. Paulo, à Praça das Bandeiras, 40 — 9º andar — Telefone 33-6647